

## **Corpo-Cidade: Território da experiência.**

*Corpo-Cidade: Territory of experience.*

*Cuerpo-Ciudad: Territorio de experiencia.*

**Rebeca Falcão dos Santos Melo França**

Mestranda, UFPB, Brasil.  
rebecafdsm@hotmail.com

**Gabriel Lincoln Lopes Carvalho**

Mestrando, UFPB, Brasil.  
gabrielincolnlopes@live.com

## RESUMO

Corpo-cidade: Território da experiência, é uma pesquisa que tem como objetivo geral levantar reflexões acerca do corpo e da cidade, e de suas relações, propondo pensar a experiência do indivíduo com a cidade mediada através do nosso corpo, o corpo ao qual pertencemos. Tendo como objetivos específicos: Apresentar a cidade enquanto território de experiências e o corpo enquanto meio de experienciar o espaço. Utilizando como embasamento teórico fundamentado em pesquisas bibliográficas, procura-se aqui discutir esta relação a partir da ideia de corpo trazida por Merleau-Ponty ([1945] 2018), que explana este indivíduo capaz de reconhecer sua própria existência enquanto sujeito vivo e perceptivo, associando-o ao contexto da cidade trazidas durante os anais do Seminários de História da cidade e do urbanismo (SHCU), explicando a cidade enquanto espaço de vivências e interações, trabalhando-a para além de sua constituição material, pensando-a enquanto local de reduto da individualidade. É por meio desta discussão que buscamos elucidar a concepção de corpo e suas influências advindas da cidade, mediante seu caráter perceptivo, apresentando a cidade enquanto fenômeno que se evidencia pela percepção e o corpo enquanto meio de vivenciar o espaço e compreender a expressão do viver urbano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo. Cidade. Experiência

## SUMMARY

*Body-city: Territory of experience, is a research whose general objective is to raise reflections about the body and the city, and their relationships, proposing to think about the individual's experience with the city mediated through our body, the body to which we belong. . Having as specific objectives: To present the city as a territory of experiences and the body as a means of experiencing space. Using bibliographic research as a theoretical basis, we seek to discuss this relationship based on the idea of the body brought by Merleau-Ponty ([1945] 2018), which explains this individual capable of recognizing his own existence as a living and perceptive subject, associating it with the context of the city brought during the annals of the Seminars on the History of the City and Urbanism (SHCU), explaining the city as a space of experiences and interactions, working it beyond its material constitution, thinking it as a place of stronghold of individuality. It is through this discussion that we seek to elucidate the conception of the body and its influences derived from the city, through its perceptive character, presenting the city as a phenomenon that is evidenced by perception and the body as a means of experiencing space and understanding the expression of urban living.*

**KEYWORDS:** Body. City. Experience.

## RESUMEN

*Cuerpo-ciudad: territorio de experiencia, es una investigación cuyo objetivo general es suscitar reflexiones sobre el cuerpo y la ciudad, y sus relaciones, proponiendo pensar la experiencia del individuo con la ciudad mediada a través de nuestro cuerpo, el cuerpo al que pertenecemos. . . Teniendo como objetivos específicos: Presentar la ciudad como territorio de experiencias y el cuerpo como medio de vivencia del espacio. Utilizando la investigación bibliográfica como base teórica, buscamos discutir esta relación a partir de la idea de cuerpo traída por Merleau-Ponty ([1945] 2018), que explica este individuo capaz de reconocer su propia existencia como un ser vivo y perceptivo. tema, asociándolo al contexto de la ciudad traído durante los anales de los Seminarios de Historia de la Ciudad y Urbanismo (SHCU), explicando la ciudad como un espacio de experiencias e interacciones, trabajándola más allá de su constitución material, pensándola como un lugar de fortaleza de la individualidad. Es a través de esta discusión que buscamos dilucidar la concepción del cuerpo y sus influencias derivadas de la ciudad, a través de su carácter perceptivo, presentando la ciudad como un fenómeno que se evidencia por la percepción y el cuerpo como medio de experiencia y comprensión del espacio. la expresión de la vida urbana.*

**PALABRAS-CLAVE:** Cuerpo. Ciudad. Experiencia

## 1 INTRODUÇÃO

Ao estudarmos a cidade nos deparamos com conceitos adivindos da geografia, da forma urbana, da economia, geralmente tratando-a estritamente enquanto território, moradia, ou até mesmo com pesquisas mensuradas a partir de estatísticas demográficas e morfológicas, mas é fundamental ressaltar que não se trata de estudar um local apenas no seu âmbito territorial, mas sim de entender a cidade como local de obra coletiva dos seres humanos, enquanto obra repleta de fenômenos urbanos, como território não apenas geográfico, mas sim palco de inúmeras experiências e formas de experienciá-lo. A cidade não acaba nos limites territoriais, mas em sua atuação e influência, ela em sua totalidade, apresenta-se como organismo vivo. Para Nascimento e Santos (2017, p.23) “O espaço urbano é perpassado por movimentos efêmeros que caracterizam seu vai e vem diário, sua dinâmica humana na qual corpo e espaço configuram a existência do mesmo”.

Por vezes, a cidade torna-se um uma realidade objetiva, com suas ruas, construções e monumentos, mas são os habitantes desta cidade que constroem as ideias e imagens de representação coletiva. Andar pela cidade requer uma exposição as experiências que podem ali surgir, entendendo que viver a cidade, é experimentá-la. Por meio do deslocamento do corpo é possível experimentar o espaço, produzindo movimento e vivendo a cidade através do mesmo, visto que, “a vida urbana é feita das relações corpo-cidade” (Hissa; Nogueira, 2013, p.56). Nascimento e Santos (2017, p. 23) enfatizam a importância de se compreender esse espaço, “pois é através desse corpo que a cidade é construída, através das relações diárias de uso, ocupação, passagem, resistência e demais qualidades de movimentos que possam estar ligadas a esse agenciamento”.

O principal motivador desta pesquisa consiste em ressaltar a importância do estudo do corpo e da cidade, para o auxílio do entendimento da cidade enquanto local de experiências e o corpo enquanto meio de vivenciar tais experiências, levando em consideração as suas individualidades e particularidades. Tratar da relação do corpo e da cidade exige uma junção de temas inerentes à arquitetura e a filosofia, a qual buscamos compreender o corpo enquanto meio capaz de nos conectarmos com a experiência, como afirma Nesbitt (2014, p.31) “a teoria arquitetônica recente aproximou-se da reflexão filosófica, ao problematizar a interação do corpo humano com seu ambiente”.

Carpitéro e Cerasoli (2009) constataram a reduzida presença de historiadores e profissionais da área que discutem temas relativos a cidade, se comparado aos estudos produzidos por outras disciplinas. E que nos últimos anos a historiografia brasileira conforme Carpitéro e Cerasoli (2009, p.64) “tratou a cidade, predominantemente, apenas como palco de transformações políticas e econômicas, ou então como cenário para os grandes acontecimentos sociais”, evidenciando assim, a importância de estudos que fortaleçam o diálogo entre cidade e demais vertentes. É essencial compreendemos que os usuários do espaço urbano são seus protagonistas, e a participação e apropriação deste espaço não somente no ato de transitar, trabalhar no mesmo, utilizá-lo, mas principalmente na forma como o experencia, construindo pontes para esta relação de usuário-cidade e no quão engrandecedor pode ser esta vivência baseada na experiência.

Sendo assim, o problema que esta pesquisa busca responder é: quais as relações entre corpo e cidade no contexto das experiências sensíveis da vivência da cidade? Tendo em vista o que afirma o arquiteto Rodrigo Gonçalves, sobre esta relação corpo-cidade. “a cidade é um espaço no qual o corpo situa-se e interage” (Santos, 2018, p.22). Logo, o **objetivo geral** deste trabalho é levantar reflexões acerca do corpo e da cidade, de forma a favorecer o entendimento das relações existentes. Tendo como **objetivos específicos**: Apresentar a cidade enquanto território de experiências e o corpo enquanto meio de experienciar o espaço.

Para que haja uma maior compreensão acerca do tema abordado faz-se necessário um aprofundamento teórico com base em pesquisas bibliográficas realizadas a partir de livros e

artigos, que auxiliam no entendimento da cidade enquanto local de experiências, e do corpo enquanto mediador destas e de suas relações. Utilizando como principais autores: Maurice Merleau-Ponty ([1945] 2018), Juhani Pallasmaa (2011) e Santos (2018), além de artigos sobre a temática apresentados no SHCU (Seminário de história da cidade e do urbanismo), na última década, demonstrando como os conteúdos tem sido apresentados nas pesquisas.

A pesquisa encontra-se estruturada em dois principais tópicos: **Cidade: território da experiência**, que busca apresentar a cidade enquanto espaço de vivências e interações, trabalhando-a para além de sua constituição material e de localização geográfica, pensando-a enquanto local de reduto da individualidade e fenômeno que se evidencia através da percepção. E **O corpo como centro de experiências**, que enfatiza que o corpo é o principal receptor de informações do ser humano e que é por meio dele que confrontamos a cidade.

## 2 CIDADE: TERRITÓRIO DA EXPERIÊNCIA

As ruas de uma cidade são naturalmente palcos comportamentais que nelas ocorrem atividades sociais singulares que condicionam a riqueza cultural presente na identidade da sociedade. Os usuários são peças ativas e principais mesmo que involuntariamente no cotidiano citadino, são nesses espaços que nos deslocamos para trabalhar, estudar, contemplar, praticar exercícios físicos, ou qualquer motivo impulsionador. É no ambiente urbano que percebemos o quão plural uma sociedade pode ser composta, e a melhor forma de perceber tais aspectos é vivenciando a mesma no trato da experiência, dos sentidos, ultrapassando a perspectiva sobre a cidade como uma forma rígida e visual; é reconhecido de fato a riqueza cultural e formal do urbano e o quanto de história ela nos conta, seus telhados, forma, sua hierarquia, fachadas, porém, evidenciamos e convidamos a uma percepção da cidade para além de sua conexão visual.

Segundo Capitéro e Cerasoli (2009, p.62), nos últimos anos, a produção acadêmica sobre temas relacionados a cidade aumentou de modo significativo. Silva (2016) relata que temos prateleiras de bibliotecas abarrotadas de livros “urbanizados”, mas que aqueles que tratam sobre memórias, afetos e experiência, chamam um pouco mais a atenção. Nesta pesquisa trabalha-se a cidade não apenas como assentamento humano, ou determinado espaço numa localização geográfica, mas a tratamos como diz Milton Santos (geógrafo e jornalista), como local onde a vida acontece, uma expressão representativa dos lugares.

A cidade vista de cima, a geográfica, não é a que experimentamos, como podemos observar na figura 2, que representa a forma como muitas vezes vislumbramos a cidade, esquecendo-nos muitas vezes que a cidade é um espaço real, onde as pessoas vivem e interagem, na qual fazemos parte enquanto sujeitos. Para Hissa e Nogueira (2013, p.58) “na cidade misturamo-nos sempre, desenhando, com nossa heterogeneidade, uma configuração plural e cambiante. Híbrida e contraditória.” É na cidade que vivenciamos os fatos ali acontecidos, Pallasmaa (2011, p.487) afirma que “A arquitetura é uma expressão direta da existência, da presença humana no mundo. É uma expressão direta no sentido de que se baseia em grande parte numa linguagem do corpo da qual nem o criador da obra nem as pessoas que a vivencia estão conscientes.”

É caminhando que conseguimos ter contato direto com a vida no urbano, é compartilhar experiências e ter contato com expressões culturais existentes, participar do processo da construção simbólica da cidade, à partir do aproveitamento da paisagem, das possibilidades reflexivas que o ambiente possa ocasionar ao observador e o próprio tempo tirado para contemplar os elementos e composições que ultrapassam o aspecto de utilizar tais mobiliários ou equipamentos, mas também de envolver-se com o lúdico que ao caminhar nos é possível. Viver a cidade no sentido amplo e sistêmico exponencia a relação corpo-cidade. (CARERI, 2002; SÁNCHEZ e CAMPILLO, 2013).

Figura 2 – A cidade vista de cima - NY



Fonte: lekandthecity in arquitetura, pelas ruas de NYC, (2020).

Um dos primeiros contatos com estudos envolvendo a cidade ou em escala maior estados, países, continentes e assim sucessivamente, é com base na cartografia utilizando os mapas; este tipo de representação perpassada com o tempo pode ser uma base norteadora para que associemos os estudos urbanos vistos de cima, distante e que não põe o usuário como parte do sistema. Reforçando o que pode ser interpretado na Figura 2, Almeida (2007, p.19) aponta que "a abstração da realidade urbana desde sempre coexistiu com as atividades de planejamento de cidades sob a forma de mapas, maquetes, planos e modelos", justamente na discussão sobre as dimensões e possibilidades do Real e Virtual do Urbano, ou seja, apesar de cada dia mais as representações relacionadas aos estudos da cidade estejam avançadas e fidedignas da realidade, com gráficos de alta qualidade, informações georreferenciadas e dados disponíveis, há um distanciamento entre o virtual do real, do que se é vivido quando se torna um dos componentes das dinâmicas sociais e forma do ambiente construído.

Em sua obra "A Imagem da Cidade" de 1988, Kevin Lynch se propõe a analisar aspectos e características da forma do ambiente construído correlacionando com seus conceito, porém, o autor compreende o quanto se limitaria se observasse e analisasse a cidade sem a participação direta e a perspectiva do usuário como base da construção dos dados. Portanto, em seu livro o autor utiliza da identidade, memória e rotina dos cidadãos como elemento chave que configura a imagem da cidade. Quando Lynch (1988, p. 57) diz que "o significado social de uma área, a sua função, a sua história, ou até, o seu nome" insere outras questões para além da composição da imagem com base na forma, portanto o autor enfatiza a imaterialidade quando trabalha com a representação mental e os símbolos individual e coletivo para retratar a construção da relação do usuário e cidade.

A cidade segundo Pallasma (2011, p. 32) vem atuar como uma extensão da natureza e fornece as bases para a percepção e o horizonte da experimentação e compreensão do mundo, colocando a cidade como local de grandes acontecimentos, reconhecendo que seja explorado

seu potencial comunicativo e associativo, capaz de transmitir significados e valores simbólicos. Para Hissa e Nogueira (2013, p.61) “a cidade marca a sua existência por meio do corpo dos sujeitos do mundo que, nos lugares-territórios, experimentam a vida.”, fazendo com que nossas cidades não sejam entendidas apenas pelo seu invólucro ou por sua materialidade, mas também por sua essência.

A apreensão da cidade, pode dentre outras formas dar-se a partir do corpo, tendo o corpo e as percepções sensíveis como mecanismos centrais para tal efetivação (SILVA, 2016), sendo o corpo meio de experimentar a cidade e de vivenciamos o espaço. Para Hissa e Nogueira (2013, p.53) A vida urbana é feita das relações corpo-cidade, espaço-movimento, afeto-ação, para os autores, a cidade é cidade-corpo, havendo uma relação de troca, pois o corpo vive a cidade, mas a cidade vive por meio do corpo dos sujeitos. Sendo assim, o espaço urbano é palco de práticas sociais, memórias e costumes e esta cidade, a cidade real tem a capacidade de transmitir tais informações e serem apreendidas pelo corpo.

Ao confrontarmos a cidade por meio do nosso corpo, podemos percorrê-la, e é através do caminhar que podemos devolver, à cidade, a explicitação da sua condição de *cidade-corpo* e manter esta inter-relação. Hinna e nogueira (2013, p.73), ressaltam que “os passos que percorrem terrenos não apenas marcam a trajetória que se faz. Eles são a expressão do movimento do corpo que atravessa a cidade: e a transpõe, infiltra, perpassa, experimenta.” O caminhar é apenas um dos meios de apreender os significados que a cidade transmite, e é por meio do movimento do corpo que a percepção da cidade ocorre, revelando concepções pluralizadas e apropriando-se das questões simbólicas do lugar.

Jan Gehl (2010), defende que o andar é muito mais do que um movimento linear que leva o caminhante de um local ao outro, não é apenas a locomoção entre vias, mas sim uma complexidade dinâmica com variações nesse movimento; às interações entre espaço-usuário e as próprias expressões dos seres humanos nos locais públicos refletem caracteres que lhes dão leituras distintas, desde um sentar, correr, dançar, deitar-se e até os motivos de suas caminhadas (ir trabalhar, estudar, comprar algo, exercitar-se). A compreensão da cidade pelo indivíduo se dá ao andar a pé, a percepção dos espaços é melhor decifrada no caminhar. (GEHL, 2010).

Sabendo que toda e qualquer experiência provoca recordações, memórias e comparações, como afirma Pallasmaa (2011), o espaço ou lugar vem incorporar estas lembranças e experiências memoráveis por meio da matéria, tornando-os como se fossem nossas próprias experiências. Utilizando assim, as edificações e cidades como meio de nos lembrar e reconhecer quem somos a partir destas conexões advindas da memória individual e do que lhe remete. Lefébvre discorre um pouco sobre a perda de oportunizar o espaço por aqueles que não se permitem contemplá-lo e senti-lo, quando diz que:

"a rua se repete e muda como a cotidianidade: se reitera na troca incessante das pessoas, os aspectos, os objetivos e as horas. A rua oferece um espetáculo e é só espetáculo: a aquele que se afoba, com pressa para chegar ao seu trabalho ou a um encontro, não vê este espetáculo, é um simples extra". (LEFÈBVRE, 1978, p.94).

No território da cidade é possível reconhecer a prática das relações sociais, e das atividades cotidianas realizadas pelo sujeito. Segundo Rolnik (1995, p.08) “a cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza”. Para a autora a cidade “atua como local de suprimento das necessidades de um povo e a construção do local e sua transformação correspondem a maneira do homem ocupar o espaço” (1995). Assim a cidade é a relação entre o lugar, os homens e a obra de arte, o artefato, que unidos ao corpo, trata-se do território, o território da experiência.

### 3 O CORPO COMO CENTRO DE EXPERIÊNCIAS

As narrativas contemporâneas que se debruçam sobre o corpo merecem destaque. O corpo é o principal receptor de informações do ser humano e é por meio dele que confrontamos a cidade e a vivenciamos de forma única e particular para cada indivíduo. “Meu corpo está entre as coisas, é uma delas, está preso no tecido do mundo, e sua coesão é a de uma coisa” (Santos, 2018, p.125). Pallasmaa vem explicar de que forma o corpo vira o centro das atenções em meio ao mundo urbano:

Eu confronto a cidade com meu corpo; minhas pernas medem o comprimento da arcada e a largura da praça; meus olhos fixos inconscientemente projetam meu corpo na fachada da catedral, onde ele perambula molduras e curvas, sentido o tamanho dos recuos e projeções; meu peso encontra a massa da porta da catedral e minha mão agarra a maçaneta enquanto mergulho na escuridão do interior. Eu me experimento na cidade e a cidade existe por meio da minha experiência corporal. A cidade e meu corpo se complementam e se definem. Eu moro na cidade e a cidade mora em mim (PALLASMAA, 2011, p. 37 e 38).

E para ele é por meio de nossos corpos que escolhemos o mundo onde queremos viver, e é através dele que sentimos as minúcias do espaço. Juntos o espaço e o corpo formam um sistema e projetam a maneira pela qual vamos experimentar a cidade, tornando-se um objeto em simbiose. Para Nesbitt (2014, p.20) “Mediante a projeção do corpo humano (símbolo da perfeição da natureza) em suas formas, a arquitetura alcança uma harmonia de proporções que remete à questão da escala e do indivíduo.”, desta maneira o corpo é o que torna a experiência possível. A forma em que caminhamos, a altura que visualizamos, as estruturas em que tocamos, os perfumes que sentimos e a brisa que percorre sobre nós, conformam um nível relacional singular e particular a partir do fio condutor pessoa-corpo-ambiente.

O fenomenólogo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), retrata o corpo como meio que nos possibilita vivenciar o mundo e tudo que nele há, para ele é através da vivência do corpo que podemos ter acesso a subjetividade, apenas com nosso corpo podemos vivenciar o espaço. Para ele eu não tenho um corpo, eu sou o meu corpo – o corpo é mediador de toda experiência possível – é o corpo o sujeito efetivo da percepção – o corpo não é coisa, nem ideia, mas movimento, sensibilidade e expressão criadora. Sua obra se detém a explicar o que significa o corpo e sua expressão, sempre buscando defender a importância de se sentir o espaço e compreendermos o mundo e os objetos que nos rodeiam.

Será preciso despertar a experiência do mundo tal como ele nos aparece enquanto estamos no mundo por nosso corpo, enquanto percebemos o mundo com nosso corpo. Mas, retomando assim o contato com o corpo e com o mundo, é também a nós mesmos que iremos reencontrar, já que, se percebemos com nosso corpo, o corpo é um eu natural e como que o sejeito da percepção. (MERLEAU-PONTY, 2018, p.278).

Merleau-Ponty (2018, p.205) afirma que o corpo é um objeto como os outros, e que este serve como instrumento no processo de experiência do espaço, do mundo, da cidade, uma vez que “ser corpo, nós o vimos, é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço”. O autor reforça que não haveria espaço se não houver corpo, ambos inter-relacionados e que “meu corpo é também aquilo que me abre ao mundo e nele me põe em situação” (Merleau-ponty, 2018, p.228). O corpo, na filosofia Merleau-pontyana, é visto como condutor do ser-no-mundo, em que mundo e corpo compõem realidades indiscociáveis, formando assim, um sistema único, “pois para se perceber as coisas é preciso habitá-las” (Lima, 2014, p.80).

Pallasmaa (2011, p.43) afirma que “o corpo não é uma mera entidade física; ele é enriquecido pela memória e pelos sonhos, pelo passado e pelo futuro”, desta forma o corpo se torna objeto da percepção e o centro da experiência, sendo o corpo o nosso instrumento de ação neste processo. Santos (2018, p.48) ressalta que “é meu corpo, aquele por meio do qual meus pensamentos e sentimentos entram em contato com os objetos”, portanto, “não é preciso

perguntar-se se nós percebemos verdadeiramente um mundo, é preciso dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos” (Merleau-ponty 2018, p.14)

Devemos então aqui assumir a infinidade de possibilidades de percepções de um determinado objeto, a depender do movimento do nosso corpo na cidade, visto que, “se um objeto é formado pela soma de todas as perspectivas possíveis há então uma perspectiva desse objeto em questão dentro da cabeça de cada um que busca conhecê-lo” (Nogueira, 2018, p.1). Santos e Nascimento (2017) trazem sobre a temática da percepção do corpo na cidade, o conceito de corpo-urbano, ao qual apresenta-se como ser que vive o espaço urbano.

Sobre um corpo-urbano, entendo que ele pode se mostrar como uma fusão simbólica do corpo que habita o espaço e o próprio espaço, lente de reflexão do que seria o urbano a partir do corpo de quem vive esse urbano, guiando-me a ler esse espaço a partir daquele que vivência a cidade, santos e nascimento. (SANTOS; NASCIMENTO, 2017, p.23).

Na figura abaixo podemos observar essa “transparência” entre o corpo e a cidade, e a relação que ocorre entre essa “cidade-corpo”, nota-se ainda a não presença física dos corpos, mas que sabe-se que por ali passaram, fazendo parte da essência do lugar, que tais corpos vivenciaram aquele local em determinado momento, que assim como o lugar faz parte desses corpos, tais corpos fazem parte do lugar, enfatizando o que afirma Pallasmaa (2011), sobre como podemos perceber o mundo a partir da experimentação.

Figura 2 – O corpo da cidade (2000).



Fonte: Jaguaribe (2000).

Além de corpo-urbano, os artigos apresentados sobretudo na última década no SHCU (Seminários de história da cidade e do urbanismo), apresentam outros conceitos sobre essa relação do corpo e da cidade, e uma evolução de estudos relacionados a essa temática. Nota-se que a narrativa do corpo e da cidade ganha espaço dentre as pesquisas, buscando fazer uma aproximação crítica entre eles, detendo-se sobretudo a estudos sobre esse distanciamento gerado entre o corpo e a cidade devido aos acontecimentos de modernização em curso acelerado dos centros urbanos, que acarreta muitas vezes em repulsa dos espaços urbanos.

Dentre os temas trabalhados apresentados no SHCU e em pesquisas recentes na área temos: cidade-corpo, corpo arquitetônico e corpo-lugar, todos eles objetivando compreender essa relação do sujeito (corpo), com o espaço (cidade-arquitetura) e essa consciência de um



corpo arquitetônico, trabalhando também essas experiências no espaço urbano. Hissa e Nogueira (2013, p.75) explicam que esta relação é renovada todos os dias “A cidade-corpo é lida e reescrita a cada dia, pelos sujeitos do mundo, em territórios – moventes *através de nós* – que podem, portanto, se encontrar ou, na mesma medida, não coincidir”.

Santos (2018, p.108), alega que “o corpo cede lugares ao espaço, e este, por sua vez, também cede lugares ao corpo”, sendo assim, cada detalhe seja da edificação, seja do espaço urbano, é percebido e apreendido pelo nosso corpo, é com ele que percebemos o espaço, a cidade, onde o ser humano é utilizado como medida da cidade, e a cidade como extensão do corpo, pois o corpo sente, chora, ri, se emociona e sofre diretamente as consequências de um espaço. “logo, é com todo meu corpo que experiencio o espaço”.

Quando andamos por ruas com várias limitações e buracos ao percorrê-la, sem calçamento adequado, neste momento nosso caminhar é modificado, influenciando simultaneamente na nossa percepção sobre o espaço e na experiência daquele momento, podendo ser proveitoso ou não, mas o corpo sendo o objeto ponte disto faz com que ocorra tal processo interligado. Sobre as necessidades do ser humano com relação as percepções do mundo Lefebvre (1991) aponta que:

O ser humano tem também a necessidade de acumular energias e a necessidade de gastá-las, e mesmo de desperdiçá-las no jogo. Tem necessidade de ver, de ouvir, de tocar, de degustar, e a necessidade de reunir essas percepções num “mundo”. LEFEBVRE (1991, p.103-104).

Hissa e Nogueira (2013, p.58) afirmam que os corpos são vários e que “há o corpo da cidade, os corpos na cidade e a relação – ela mesma, um corpo”. Mas que esse processo contemporâneo e a busca pelo dito corpo perfeito, onde muito almejam chegar a um padrão tem refletido em nossas cidades, gerando muitas vezes projetos desprovidos de personalidade e com itens passíveis de serem encontrados em todo lugar. Em busca de uma utopia urbanística, apresenta-se um corpo ideal para uma cidade ideal. Silva (2016), traz o corpo como elemento necessário para compreensão do espaço.

Uma potência que será catalisada aqui pela presença e permanência do corpo como elemento fundamental para a constituição da subjetividade do homem contemporâneo, tão permeado atualmente por ações e discursos anestésicos, homogeneizantes e destruidores de experiências concretas da espacialidade e da alteridade urbanas. (Silva, 2016, p.1)

Assim como o mundo está em constante mutação, nós estamos em constante movimento e sempre interagindo com o ambiente, pois segundo Pallasmaa (2011, p.38) não existe corpo separado do seu ambiente físico. Hissa e Nogueira (2013, p.58) tratam ainda do corpo enquanto ser que ultrapassa o humano, sendo “a possibilidade de transposição persiste no corpo. É o *corporar*, as processualidades abertas, a busca do intensivo.” A cidade reforça a experiência existencial, nossa sensação de pertencer ao mundo, e essa é essencialmente uma experiência de reforço da identidade pessoal, que através do corpo realiza expressa a individualidade e da autonomia dos corpos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A CIDADE E O CORPO

Esta pesquisa objetivou levantar questionamentos acerca da relação do corpo e da cidade e em como esta relação se faz necessária para que haja experiência no espaço. Dentro da compreensão de que a cidade se configura através da relação entre corpo e espaço, temos o corpo como elemento fundamental para a constituição da experiência. Considerando que é por meio do corpo, aquele apresentado por Merleau-ponty (2018), no qual é mediador desta

experiência, que a cidade é formada, realizada através das relações diárias que ali se constituem.

A relação envolvendo cidade e corpo apresenta-se como feixe de experiências, e nas últimas décadas o desenvolvimento destas temáticas, vem apresentando novos desdobramentos e configurações. Os seminários de história da cidade e do Urbanismo (SHCU) são promovidos desde os anos 1990, e configuram-se como importante local de apresentações de debates de temas que envolvem a história e historiografia de nossas cidades. Dentro desta perspectiva apresenta-se nos anais inúmeras pesquisas que expõem a relação corpo-cidade, sobretudo nas pesquisas da última década, que revelam uma evolução do tema ao longo dos anos.

Este trabalho pontua uma abordagem de compreensão numa perspectiva essencial para a contemporaneidade, incentivando o debate crítico sobre como estamos explorando e vivenciando os espaços urbanos, conectando com a característica da rapidez cotidiana e o quanto esta pressa limita nossa vivência na cidade. É importante que preconizemos e clareamos as inúmeras formas de apropriação dos espaços citadinos e ao trazer a relação corpo-cidade quebra-se um padrão de discussões que protagonizam a composição formal/morfológica e não adotam a experiência como também uma das bases principais.

Destaca-se a importância dos cidadãos e pesquisadores da área entenderem as formas de explorar e viver a cidade, para que paulatinamente haja um impacto no enriquecimento destas experiências. Assim como o corpo conta a história da cidade, a cidade conta a história do corpo, ambas fornecendo e recebendo informações, havendo um compartilhamento entre o indivíduo e a cidade. O corpo conecta-se com os espaços e com a cidade, e age como sujeito dentro do espaço, espaço este que também é extensão do corpo. Conclui-se assim, que é por meio do corpo que enfrentamos a cidade, a cidade como local de experiências.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cláudia Maria. **O diálogo entre as dimensões real e virtual do urbano**. In: ALMEIDA, C. M.; CÂMARA, G.; MONTEIRO, A. M. V. (Orgs.). Geoinformação em urbanismo: cidade real x cidade virtual. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: O caminhar como prática estética**. Tradução Frederico Bonaldo. São Paulo: Editora G. Gili. 2002.

CARPITÉRO, M.V.T; CERASOLI, J.F. **A cidade como história**. História: Questões & Debates, Curitiba, p.61-101, jan/jun 2009. Editora UFPR. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/269734082\\_A\\_cidade\\_como\\_historia](https://www.researchgate.net/publication/269734082_A_cidade_como_historia). Acesso em: 17 Jun. 2022.  
GEHL, Jan. **Cities for People**. Washington D.C., Island Press. 2010.

HISSA, V. E. C.; NOGUEIRA, M.L.M. **Cidade-corpo. SHCU: Seminário de história da cidade e do urbanismo**, Belo Horizonte, Jun. 2013. Disponível em: <http://xvishcu.arq.ufba.br/anais-shcu/>. Acesso em: 18. Jul. 2022.

JAGUARIBE, Claudia. **O corpo da cidade**. Web site. Disponível em: <<https://www.claudiajaguaribe.com.br/trabalho/o-corpo-da-cidade>> Acesso em: 15 de janeiro de 2022.

LEFEBRVE, Henri. **O Direito a Cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

\_\_\_\_\_. **De lo rural a lo urbano**. 4ª ed. Barcelona: Ediciones península, 1978.

LIMA, Mariana. **Percepção visual aplicada a arquitetura e iluminação**. Rio de Janeiro: ciência Moderna, 2010.

Lynch, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70. 1988.

MERLEAU-PONTY, Maurice; **Fenomenologia da percepção**; tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018. (Biblioteca do pensamento Moderno)

NASCIMENTO, E.; SANTOS, R. G. CORPO-ESPAÇO CIDADE-CORPO: **Possibilidades de urbgrafias na cidade habitada**. PIXO: revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade, v.1, 2005. Disponível em: file:///C:/Users/Rebeca/Downloads/11644-42116-2-PB.pdf

NESBITT, K. INTRO, IN: NESBITT, p.15-59, Kate (ORG); **Uma nova agenda para arquitetura: antologia teórica 1965-1995**. 2014. 2. ed. São Paulo: COSACNAIF, 2014.

NOGUEIRA, M. M. F. **Corpo-lugar: investigação da consciência de um corpo arquitetônico**. SHCU: Seminário de história da cidade e do urbanismo, Rio de Janeiro, Set. 2018. Disponível em: <http://xvishcu.arq.ufba.br/anais-shcu/>. Acesso em: 18. Jul. 2022.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**; tradução técnica: Alexandre Salvaterra. Portp Alegre: bookman, 2011. 76 p.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 7-85.

SÁNCHEZ, Eilsa; CAMPILLO, Henry. **O Andar: movilidad sostenible**. Módulo Arquitectura CUC. Barranquilla: Educosta, v. 12, n. 1, 2013

SANTOS, Rodrigo Gonçalves do; **Perceber o (in)visível: dimensões sensíveis de um corpo na arquitetura**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2018. 135 p.; (Ensino de ciências).

SILVA, Ricardo Luís. **O corpo e a narrativa da cidade: dos primos Hoffmannianos a Marcovaldo**. SHCU: Seminário de história da cidade e do urbanismo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://xvishcu.arq.ufba.br/anais-shcu/>. Acesso em: 18. Jun. 2022.